

Neoconservadorismo em tempos de capitalismo multinacional

Tatiana Poggi

Este texto é resultado do início de minha pesquisa de mestrado sobre a surpreendente expansão da ideologia conservadora, materializada num conjunto complexo de organizações e movimentos, observada nos Estados Unidos a partir de fins dos anos 70. No momento buscaremos entender brevemente as condições sociais e razões pelas quais parte significativa da sociedade americana vem optando por projetos e medidas de cunho direitista, por vezes xenofóbico, assim como o lugar das ditas organizações e movimentos no cenário político e social norte-americano.

Ao contrário do que advoga a agenda pós-modernista, acreditamos que interpretações do cenário sócio-político enquanto locus de lutas fragmentadas guiadas por interesses sempre muito particulares não são suficientes para o entendimento de fenômenos ocorridos dentro do sistema capitalista. Não nos parece igualmente satisfatória a alegação popularizada por Foucault de que não mais existiria um centro na história e de que o poder se encontraria então disperso, pulverizado em resistências desconectadas do sistema como um todo. Um enfoque materialista tampouco significa subtrair a importância dos aspectos culturais na experiência humana. Ao contrário, como afirma Ellen Wood:

“como podemos negar a importância da língua e da política cultural em um mundo tão dominado por símbolos, imagens e comunicação de massa, para não falar na superestrada da informação?”¹

Segundo a mesma não precisamos aceitar os pressupostos pós-modernistas para compreender o papel de tais aspectos. Estes clamam, sim, por uma explicação materialista. É assim, dentro desse parâmetro -o Estado capitalista- e nunca fora dele que buscaremos compreender o processo de aconservadorização da sociedade norte-americana.

Em sua análise do capitalismo em sociedades de capitalismo avançado Antonio Gramsci identifica no plano superestrutural duas esferas interdependentes: sociedade civil e sociedade política. A sociedade civil, lugar privilegiado dos aparelhos privados de hegemonia, juntamente com a sociedade política, conjunto de mecanismos através dos quais os grupos dominantes detêm o

¹ WOOD, E. O que é a agenda pós-moderna? In: WOOD, E. e FOSTER, J.B.(org). Em defesa da história. RJ:Zahar, 1999. p.17.

monopólio legal da repressão e da violência ou aparelhos de coerção, constituem os dois grandes planos superestruturais formadores do Estado em sentido amplo. Assim, diferente de Marx, que enxergava o Estado essencialmente como coerção, Gramsci vai além, alargando a própria perspectiva de poder no momento em que, sem esquecer das forças de subjugo, destaca também os componentes consenso e legitimação.

A guerra de posição se torna, então, a estratégia política privilegiada dos partidos (organizador da classe ou fração em torno do projeto de reforma intelectual e moral) em busca não apenas da inserção de seus membros dentro da sociedade política, mas especial e fundamentalmente da construção de hegemonia ou liderança cultural-ideológica de um grupo sobre outros na sociedade civil. Vale lembrar, que a hegemonia é caracterizada por um processo ininterrupto em prol da constante construção de alianças entre e intra-classe, base sobre a qual percebemos a margem de consenso. Williams nos esclarece melhor ao afirmar que a hegemonia:

“também sofre uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões. Temos então de acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de contra hegemonia e hegemonia a alternativa que são elementos reais e persistentes na prática.”²

Como podemos observar, o projeto dirigente mesmo ocupando posição hegemônica é constantemente contraposto por outros, advindos tanto da classe dominada quanto de frações presentes na própria classe dominante. À manutenção da condição de hegemonia vincula-se necessariamente a continuação de investimento constante, por parte dessa mesma classe dirigente, em aparelhos privados de hegemonia, que trabalharão elaborando e difundindo a ideologia implícita no projeto dirigente.

Particularmente nevrálgico é o papel desempenhado pelos intelectuais. Gramsci pontua que todo o Homem é intelectual na medida em que primeiramente “não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual” e finalmente no sentido em que “participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo”³.

Entretanto, nem todos desempenham a função de intelectual na sociedade. O intelectual, para além do desempenho de atividades de caráter intelectual, é aquele que as desempenha no conjunto geral das relações sociais trabalhando hegemônica ou contra-hegemonicamente. Este pode ainda pertencer, segundo o autor, às categorias tradicional e orgânico, segundo o nível de estreitamento e conexões estabelecidas com uma classe ou fração de classe. Assim, o intelectual tradicional é aquele caracterizado pelo distanciamento estabelecido entre si e quaisquer dos grupos sociais fundamentais

² WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.p.115-116.

³ GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Vol.2. RJ: Civ. Brasileira, 2001.p.52-53.

existentes, permanecendo independente, encastelado e não estabelecendo, a princípio, compromisso com nenhum dos projetos políticos em conflito na sociedade. O orgânico, ao contrário, participa ativamente e está comprometido diretamente com um dado projeto político representante dos interesses de frações dominantes ou dominadas. O intelectual orgânico é o funcionário do partido. Trabalha constantemente elaborando e tornando coerentes, exatamente, os princípios, problemas, angústias e objetivos que os integrantes da respectiva fração colocam durante sua atividade prática. Durante esse processo, revela-se mais que um organizador da cultura, mas ao conduzir sua coletividade a uma concepção de vida superior, se destaca igualmente enquanto produtor de novos intelectuais orgânicos.

Ao transpormos tais conceitos para a realidade particularmente estudada podemos perceber, ao fim dos anos 70, um claro rearranjo de forças dentro do bloco no poder. Dois fatores contribuíram para tal. Primeiramente, a repercussão dos movimentos sociais, ápice de um longo processo de luta por uma sociedade mais inclusiva e multicultural, mudou não inteiramente, mas efetivamente o caráter da América. Concomitantemente observam-se mudanças no sistema capitalista como um todo iniciado com o advento de novas tecnologias, particularmente da informática.

As décadas de 60 e 70 marcaram profundamente a sociedade norte-americana ao figurarem enquanto marco de contestação e avanços notáveis na cidadania em direção a uma perspectiva multicultural. Ao movimento em prol dos direitos civis dos afro-americanos e a luta pela abolição do *Jim Crow*⁴, juntavam-se os movimentos em favor de outras minorias como hispânicos, indígenas, mulheres e homossexuais.

As reivindicações então assistidas faziam parte, seguramente, de um processo complexo de lutas em torno de uma nova idéia de 'América' e que, naquele momento, explodiram de forma dramática, iniciando um processo concreto de renovação social em várias direções. Tal processo obteve os primeiros sucessos em 1946 com a criação do Comitê Presidencial sobre os Direitos Civis. No ano seguinte, o mesmo comitê traz a público o relatório intitulado 'Para assegurar esses direitos' propondo leis federais antilinchamento e anti-segregação, garantia do direito de voto, iguais oportunidades de emprego e a proposta de estabelecimento de uma comissão permanente para assegurar os direitos civis no Ministério da Justiça⁵.

Ainda assim, acreditamos que foram as décadas de 60 e 70 o momento no qual setores da classe dominada e setores dominados da classe dominante realizaram concretamente muitas de suas reivindicações e encontraram espaço para se inserir na sociedade política implementando, pelo menos, parte de seus projetos. As administrações Kennedy e Johnson buscaram, assim, solidificar a agenda de

⁴ Sistema de segregação racial institucionalizada adotado em 1890 por muitos estados norte-americanos.

⁵ PAMPLONA, M. Reverendo o sonho americano: 1890-1972. São Paulo: Atual, 1995, p.74.

ampliação da cidadania e inclusão social tão reivindicada por organizações como SNCC (Student Nonviolent Coordinating Committee), CORE (Congress of Racial Equality) e NAACP (National Association for the Advancement of Colored People), militantes como Martin Luther King e tantos outros manifestantes. Seus respectivos programas 'Nova Fronteira' e 'Grande Sociedade' procuraram expandir, o segundo mais que o primeiro, as responsabilidades do governo federal para com os direitos civis e o estado de bem-estar social recuperando a tradição keynesiana do reformismo democrata de 30. Pelo Office of Economic Opportunity comunidades de baixa renda eram encorajadas a participar da implementação de programas de habitação, educação e emprego. Em 1965 passa a funcionar o Medicare (ajuda federal aos idosos), a nova lei de imigração elimina as restritivas 'cotas nacionais' estabelecidas desde os anos 20, entra em vigor a lei dos direitos civis garantindo proteção federal para que o negro pudesse votar. Seguem-se ainda outras importantes medidas como a ação afirmativa, Medicaid (sistema de assistência social), a constituição da Comissão Especial para Desordens Civis e a legalização do aborto em certos casos⁶.

Não podemos assumir, porém, que tais vitórias se implementaram sem reações contrárias. São notórios os confrontos, muitas vezes violentos entre negros e brancos descontentes com a implementação das medidas supracitadas. Além disso, fala-se muito pouco sobre como se comportaram os aparelhos privados de hegemonia da direita segregacionista e ultraliberal (Citizens' Councils, Liberty Lobby, John Birch Society) à época desta alteração da hegemonia no seio da classe dominante. Acreditamos que a rearticulação da direita na forma hoje conhecida como New Right assim como a explosão de organizações integrantes da direita xenófoba surgem basicamente em reação às tais políticas inclusivas acima descritas aliadas ao depauperamento econômico das classes médias decorrente das mudanças no mercado de trabalho trazidas com a revolução técnico-científica.

Na periodização proposta por Mandel as revoluções tecnológicas caracterizam-se por mudanças qualitativas na base técnica do sistema produtivo de uma dada sociedade em um dado momento histórico. Segundo o autor, à Revolução Industrial do XVIII seguiram-se três revoluções tecnológicas, sendo a última marcada pelo desenvolvimento progressivo da computação, da robótica e da microeletrônica intensificando o processo de automação durante o processo produtivo⁷.

À entrada nesta nova fase do capitalismo monopolista-financeiro Brenner e Sweezy observam, em trabalhos distintos, fatores similares ocorridos durante o processo de reestruturação econômica, dentre os quais destacamos: uma redução significativa de investimento nas indústrias do setor básico

⁶BERLET, C. e LYONS, M. Right-wing populism in America. New York: Guilford Press, 2000. PAMPLONA, M. Reverendo o sonho americano: 1890-1972. São Paulo: Atual, 1995.

⁷SEGRILLO, A. O declínio da união soviética: um estudo das causas. RJ:Record, 2000.

(indústria pesada e de bens de consumo) resultando na redução, falência ou deslocamento geográfico da produção de países centrais para países periféricos; crescimento dos setores de serviço e financeiro; incentivos crescentes ao desenvolvimento de indústrias de alta tecnologia. Em reação às taxas de lucro decrescentes do setor básico ao longo dos anos 70 e 80, decorrente da concorrência imposta por países centrais e periféricos recentemente industrializados, produtores norte-americanos buscaram compensação reduzindo os custos com mão de obra, num ataque agressivo às organizações e padrões de vida dos trabalhadores. O governo, por sua vez, contribuiu recorrendo a uma política monetária expansionista, desvalorizando periodicamente o dólar, subsidiando empresas, contendo gastos públicos e facilitando o crédito para produtores e consumidores⁸. A indústria de ponta, pela intensa racionalização de sua produção, e o setor de serviços, dada a qualidade temporária dos empregos (*Mcjobs*), não foram capazes de absorver eficientemente a massa de desempregados despejada pelo setor básico durante 20 anos. Às portas de 1990 os EUA traziam na bagagem um déficit público e privado astronômico, uma economia demasiadamente exposta a ondas especulativas, falência por endividamento de inúmeras empresas e queda dramática na qualidade de vida⁹.

Assim, discursos que enfatizem as crises econômica e moral, perda de status social e incompetência e traição governamental nos âmbitos interno e externo tornam-se demasiadamente atraentes para setores da sociedade (particularmente a classe média) que, mais do que nunca, sentem-se desorientados. Imersos em um contexto de insegurança e sentindo-se ameaçados por mudanças que não lhe favorecem, esses setores tendem a estereotipar seus medos na figura do 'outro'. Este, visto como inimigo, destituído da moral implícita do 'ser americano' e desrespeitando o credo instituído pelos pais fundadores, acaba por legitimar desde sentimentos de rejeição até práticas racistas e xenófobas.

A reação deu-se, então, na forma da ascensão de movimentos sociais de cunho patriarcal-moralista (movimento anti-gay, anti-feminista, anti-aborto), de uma expansão sem precedentes da direita xenófoba, e na rearticulação da direita política nos termos da *New Right*.

Comumente descrita como uma fração significativa do Partido Republicano, a *New Right* representa, segundo Diamond, uma ratificação dos princípios da *Old Right* dos anos 50 fundados no tradicionalismo, anticomunismo e na liberdade econômica, dedicando agora ênfase especial no tradicionalismo moral.¹⁰ Berlet e Lyons desenvolvem a idéia referindo-se a *New Right* como uma

⁸ SWEEZY, P. e MAGDOFF, H. A crise do capitalismo americano. RJ: Zahar, 1982.

BRENNER, R. O boom e a bolha. RJ Record, 2003. pp45-93

⁹Idem. O debate em torno da condição econômica e posição hegemônica dos EUA é abordado parcialmente por esse texto. O contraponto pode ser visto em: MEDEIROS, C. Polarização mundial e crescimento. Petrópolis: Vozes, 2001. e TAVARES, M. T e FIORI, J. L. (org). Poder e dinheiro: uma economia política da globalização. Petrópolis: Vozes, 1998.

¹⁰ DIAMOND, S. Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States. NY: Gilford Press, 1995.

coalizão entre os advogados do Estado mínimo e a *Christian Right*. Assim, o bloco de reivindicações inclui: ataque ao *welfare state*; oposição à ação reguladora do Estado e seus altos impostos; reação às reformas governamentais de 60 e 70 e o a busca pela implementação de políticas de cunho patriarcal-moralista. A mobilização da *Christian Right*, participando ativamente da sociedade política e civil, a partir da década de 70 foi de vital importância no processo de expansão da ideologia conservadora pelo papel desempenhado por seus aparelhos privados de hegemonia. A *Christian Right* investiu e ainda investe pesadamente em novos estilos de mobilização de massa, a exemplo do televangelismo, e arrecadação de fundos, pelo direct-mail. A articulação entre agências como o *National Christian Action Council* e o *Citizen's Councils* encabeçadas por intelectuais orgânicos como Robert Billings e o televangelista Jerry Fawell deram origem a novas agências de âmbito nacional como a *Moral Majority* e espaços como o *Annual Family Forum* destinado ao compartilhamento de idéias, projetos, novas formas de organização¹¹.

As agências integrantes da direita xenófoba trabalham basicamente no sentido de recuperar tanto o *american dream* para o 'povo eleito' (*white anglo-saxon protestant*) quanto a moral puritana perdida para a 'terra prometida'. Compartilham das queixas e reivindicações clamadas pela *New Right* somando a isso a crença no determinismo biológico, fonte de profunda intolerância com relação ao 'outro' (não WASP), visto como inferior e até sub-humano. Supremacistas não são necessariamente religiosos, porém fundamentalistas cristãos e seguidores da *Christian Identity*¹² e *Creativity Movement*¹³ figuram enquanto os maiores adeptos. O que vem a unir as matizes secular e religiosa é o fato de além de serem fervorosos patriarcalistas e tradicionalistas, compartilharem sentimentos xenófobos. Ao contrário da *New Right*, os aqui referidos não costumam atuar na sociedade política, atendo-se aos limites da sociedade-civil. A década de 80 desvenda um quadro um tanto peculiar sendo observado um crescimento assustador de aparelhos privados de hegemonia ideologicamente comprometidos com os pressupostos da direita xenófoba, contabilizando 654 no ano de 2004.¹⁴

Ao final desta breve análise conseguimos perceber as lutas por hegemonia no bloco no poder nos EUA desde meados dos anos 60 até aproximadamente nossos dias. Ao invés da clássica luta entre classe dominada e classe dominante, o que observamos é um quadro riquíssimo de luta intra-classe

¹¹ BERLET, C e LYONS, M. *Right-wing populism in America*. NY: Guilford Press, 2000.

¹² Teologia partilhada por diversos grupos de extrema direita nos EUA. Consiste em um sistema de crenças racistas e violentas com base religiosa. Fonte: Southern Poverty Law Center - www.splcenter.org

¹³ Movimento que advoga uma religião branca dedicada à sobrevivência, expansão e avanço da raça branca. Fonte: Southern Poverty Law Center - www.splcenter.org

¹⁴ Grupos de ódio ativos nos EUA em 2004. Fonte: Intelligence Project-Southern Poverty Law Center – hatewatch-www.splcenter.org.

dominante pela hegemonia. Assim, a primeira crise de hegemonia se configura com a chegada dos movimentos sociais dos anos 60